

BRASIL MULHER

ano 1 / n. 0 / 9 de outubro de 1975



**O curso
do Movimento
Feminino
Pela Anistia**

**O Brinquedo
PASSAGEIRAS
DE TERCEIRA
CLASSE**

**A PROCURA
DA IGUALDADE
PERDIDA**

BRASIL MULHER:

Não é o jornal da mulher. Seu objetivo é ser mais uma voz na busca e na tomada da igualdade perdida. Trabalho que se destina a homens e mulheres.

Não desejamos nos amparar nas diferenças biológicas para desfrutar de pequenos favores masculinos, ao mesmo tempo que o Estado, constituído de forma masculina, deixa-nos um lugar só comparado ao que é destinado por incapacidade de participação ao débil mental.

Queremos falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. Queremos falar também das soluções encontradas aqui e em lugares distantes; no entanto, queremos discutí-las em função de nossa realidade brasileira e latino-americana.

A época do beicinho está definitivamente para trás, porque milhares de mulheres em todo o mundo fazem jornada dupla de trabalho, num esforço físico que faz com que uma jovem mãe de 30 anos pareça estar com mais de

50; mulheres que desejam trabalhar e serem independentes economicamente de seus maridos, são obrigadas a levarem uma vida ociosa, sem nenhuma perspectiva de serem consideradas como seres que pensam: a prostituição aumenta constantemente e é a única saída para as moças que chegam do interior para a cidade. E finalmente porque o homem já desceu na Lua e, portanto, nada mais lógico que reivindicar uma vida mais justa aqui neste planeta Terra.

Queremos usar a inteligência, informação e conhecimentos em função da igualdade e, desde já a propomos, como equidade entre homens e mulheres de qualquer latitude.

Finalmente, Brasil Mulher deseja incorporar-se à imprensa democrática que, em meio à batalhas, o Brasil vê surgir.

Teremos um número mensal e a sustentação desta proposta de comunicação depende unicamente da participação daqueles que com ela se identificarem.

BRASIL MULHER

**Editora: Joana Lopes
Fotografia Chico de Rezende
Pesquisa Rosane Silva, Edezina Leal,
Rose Serra, Neusa Cordoni.**



EMANCIPAÇÃO

A PROCURA DA IGUALDADE PERDIDA

É impossível desvincular
a luta pela emancipação
da mulher de uma luta geral
pela libertação do ser
humano.

Na história da constituição do Sistema Capitalista é que a sociedade burguesa, necessitando de mão-de-obra livre, estabelece a liberdade formal de seus membros, isto é, fica abolido o trabalho servil juridicamente.

Assim, se institui a "nova ordem" tendo como bandeira a liberdade, igualdade e fraternidade. Como a sociedade burguesa que se formava, era baseada fundamentalmente no Capital e no Trabalho assalariado, não eram todos os homens iguais, pois de um lado estava o proprietário do Capital, que necessitava do trabalhador para a produção de mercadorias que seriam lançadas no mercado, e de outro, estava aquele que por não ter outra coisa que vender no mercado, vendia e vende sua força de trabalho.

Se na sociedade servil, homens e mulheres eram servos, na sociedade capitalista a própria lei coloca a mulher social e politicamente em situação de inferioridade. Assim, o que a "nova ordem" legaliza é o trabalho assalariado, incluindo aí a mulher. Desta forma, a mulher distancia-se do lar, mas para auxiliar ou aumentar a receita familiar. Sabe-se que também o trabalho da criança é incentivado e instituído, pois a sobrevivência precisa ser garantida, já que os homens não possuem mais certos meios de produção, como a terra que garantia a sobrevivência dos servos do sistema feudal.

AS MULHERES E A IGUALDADE

Desde a Revolução Francesa, as mulheres iniciaram sua luta para conquistar as "liberdades" que a nova sociedade conferia aos homens.

Em 1789, mulheres propõem que seja votada pela Assembleia Constituinte Francesa a "Declaração dos Direitos da Mulher". Mas, conforme H. Saffiotti, a revolução dirigida pela burguesia, instituiu a "nova ordem" burguesa e masculina. Nos Estados Unidos, em 1857 através de uma greve, as operárias de indústrias têxteis e de confecção, lutam pela igualdade de salários e pela redução da jornada de trabalho para dez horas. Muitas lutas se



seguiram, sendo algumas ligadas às causas dos trabalhadores em geral e outras isoladas.

Nos últimos 25 anos foram conseguidas significativas vitórias visto que, em 1945, o direito da mulher ao trabalho e à igualdade de salário, nem eram discutidos na Organização Internacional do Trabalho. Hoje, estas questões são aceitas como direitos e utilizamos na prática. A realidade é que a mulher, ainda hoje, ganha menos pelo mesmo trabalho e este não é reconhecido em qualidade como equivalente ao do homem.

A COMPETIÇÃO E A INFERIORIDADE

Segundo Helleieith Saffiotti, professora e socióloga, nas sociedades primitivas a mulher desempenhava papéis fundamentais porque não havia a separação entre os mundos doméstico e público. Com o aparecimento da propriedade privada e a divisão entre o mundo doméstico e o

mundo público, a mulher foi concentrando-se nas tarefas domésticas, enquanto o homem permaneceu ligado às tarefas econômicas, políticas e religiosas. A mulher continuou participando de um modo menos intenso da vida econômica, até o aparecimento do sistema capitalista e da competição no mercado de trabalho.

O desenvolvimento tecnológico trouxe, em alguns momentos, o desemprego pela incapacidade do próprio sistema capitalista em absorver a força de trabalho disponível. Assim, a sociedade dividida em classes sociais, procurou selecionar categorias sociais sobre as quais pesam preconceitos de sexo, cor, raça, para colocá-los à margem do processo produtivo, mas que de fato, constituem um excedente de mão de obra disponível.

Desta forma, o sexo, catalogado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a ser usado para atender as necessidades das sociedades

competitivas. A mulher, então, aparece como elemento portador de deficiências ou insuficiências físicas, mentais e emocionais que contribuem para prejudicar o desenvolvimento econômico e social. Na realidade, o processo é inverso, porque é a sociedade competitiva que coloca barreiras para impedir a integração social da mulher.

A experiência tem mostrado que na sociedade competitiva é difícil assegurar às mulheres os direitos ao trabalho, com igualdade de salário, num quadro de subemprego e desemprego crescente e crônico. As mulheres são consideradas "intrusas" no mercado de trabalho. Em períodos de crises é mais fácil constatar-se esta realidade.

Na maioria dos países subdesenvolvidos, onde o problema do desemprego e subemprego gera tensões sociais sempre maiores, as moças continuam a se preparar para tarefas tipicamente "femininas", ou assumem as ocupações menos

remuneradas, como forma de complementação da receita familiar.

A VOLTA POR CIMA

No entanto, o Ano Internacional da Mulher busca um plano de ação mundial (já estabelecido), a curto e longo prazos, para acabar com a discriminação e dar à mulher maior participação nas tarefas políticas, econômicas e sociais do mundo. Uma de suas conclusões referiu-se à necessidade urgente de uma transformação na ordem econômica atual e o fim da exploração dos países subdesenvolvidos pelos desenvolvidos, ressaltando-se a importância da participação da mulher na luta por relações econômicas mais justas e por melhor distribuição de riquezas.

Em termos brasileiros, segundo os participantes do Seminário organizado pelo Centro de Informações das Nações Unidas

no Brasil e Associação Brasileira de Imprensa, qualquer discussão sobre Mulher deve partir do princípio de que vivemos num país subdesenvolvido e dependente, dividido em classes sociais e onde o desenvolvimento econômico defronta-se com os graves problemas da fome, do desemprego, da mortalidade infantil e da desigualdade da distribuição de rendas.

No Seminário, não responsabilizaram somente a estrutura econômica pela inferiorização da mulher, ela tem como reflexo uma realidade cultural, que ao mesmo tempo lhe serve de reforço.

Criada dentro desses mitos, a mulher fica separada da realidade sócio-econômica e, consequentemente, cúmplice inocente das forças de opressão social. Mesmo na escola, ela é encaminhada para profissões que dela exigirão menor esforço e pelas quais lhe serão oferecidos menores salários.

Não só a família, mas o teatro, o cinema, a televisão apresentam uma imagem de mulher distorcida, e que encontram no ato de consumir sua única fonte de inspiração e realização. O Seminário concluiu, que é necessário fazer a mulher brasileira condições para que compreenda a realidade sócio-econômica em que vive, as causas determinantes dessa realidade e de sua superação, o que exigirá amplo trabalho de reeducação.

DEPOIMENTOS FEMININOS QUE RETRATAM A VISÃO QUE ELAS PROPRIAS TEM DE SUA REALIDADE

Maria Angela, 19 anos, secretária.

A emancipação é um mal, porque o sexo feminino é um negócio delicado. Acho que a mulher deve ser tudo, mas principalmente companheira do homem. Deve participar, mas não da mesma forma que o homem participa. Politicamente, acho que a mulher só entra para fazer figura. Ela participa, mas não deve dirigir.

Maria Alice, viúva, 33 anos, zeladora de escola. Olha, eu nunca ouvi falar

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

EMANCIPAÇÃO

Em 1931 a mulher brasileira passa a ter direitos e responsabilidades políticas.
Vota e pode ser votada pela Lei Eleitoral da Segunda República.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

de movimento de mulher, trabalha 8 horas por dia mas eu acho que mulher num Hospital e atua em deve trabalhar. Acho que Diretório Estudantil se eu não trabalhasse eu morria. E tem as crianças em casa, né?
Dalva Molina, universitária, 20 anos, solteira, cavalheirismo".

Rosalina, 35, doméstica, ganha 25,00 por dia e estuda no MOBREAL.
"Olha, eu estudo mesmo é por precisão, porque senão a gente é passada pra trás. Eu nunca escutei falar nesse negócio de libertação feminina, mas acho que a mulher tem que trabalhar. Uma mulher que não trabalha fica desprezada. Se ficar um dia sem trabalhar, fico doente. Agora, gente de livre, uma mulher ideal, nosso tipo, trabalha mesmo a vida inteira é por precisão".
Maria Cristina, 23 anos, solteira, universitária
"Acho que uma pessoa independente, não existe. Mas acho que uma pessoa tem que mexer com tudo: ter um papel na sociedade, ter posições diante das coisas erradas que aparecem".

A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO

Algumas datas marcantes



Manifestação nas ruas de Washington nos Estados Unidos, promovida pelo "Women's Lib", movimento de emancipação feminina. Os cartazes dizem em inglês: "Mulheres do mundo inteiro, uni-vos!"

- 1691 ESTADOS UNIDOS. As mulheres votam no Estado de Massachusetts. Perdem esse direito em 1780.
- 1788 FRANÇA. Condorcet, filósofo e político francês, bate-se pelo direito das mulheres à educação, à política e ao trabalho.
- 1792 REINO UNIDO. Mary Wollstonecraft, pioneira da ação feminista, publica *Em defesa da mulher*.
- 1840 ESTADOS UNIDOS. Lucretia Mott lança as bases da Equal Rights Association para defesa da mulher e dos negros.
- 1857 ESTADOS UNIDOS. Greve de operárias das indústrias têxtil e de confecção em 8 de março pela igualdade de salário e pela redução da jornada de trabalho para 10 horas.
- 1859 RÚSSIA. Surge um movimento feminino em São Petersburgo pela emancipação da mulher.
- 1862 SUÉCIA. As mulheres votam nas eleições municipais.
- 1865 ALEMANHA. Louise Otto funda a Associação Geral das Mulheres Alemãs.
- 1866 REINO UNIDO. John Stuart Mill, filósofo e economista inglês, defende o direito de voto para as mulheres.
- 1868 REINO UNIDO. Criação da Sociedade Nacional pelo Sufrágio Feminino.
- 1869 ESTADOS UNIDOS. Criação da Associação Nacional pelo Sufrágio Feminino. O Estado de Wyoming concede o direito de voto às mulheres a fim de alcançar a cota de eleitores necessária para ingressar na União.
- 1870 FRANÇA E SUÉCIA. As mulheres têm acesso ao estudo de medicina.
- 1870 TURQUIA. Inauguração de uma escola normal destinada a formar professoras e professoras para escolas primárias e secundárias femininas.
- 1874 JAPÃO. Abertura da primeira escola normal para moças.
- 1910 DINAMARCA. No Segundo Congresso Internacional de Mulheres Socialistas em Copenhague, Clara Zetkin propõe que o 8 de março seja escolhido para Dia Internacional da Mulher em comemoração da greve das operárias têxteis de Nove York (8 de março de 1857).
- 1911 JAPÃO. Criação do Movimento de Libertação Feminina Seito Sha.
- 1912 CHINA. Várias organizações femininas se reúnem a 22 de janeiro em Nanquim para formar uma aliança de coordenação. Reclamam igualdade de direitos entre homens e mulheres e apresentam uma petição em 20 de maio a Sun Yat-Sen, presidente da República Chinesa.
- 1913 NORUEGA. As mulheres conquistam o direito de voto. ALEMANHA, ÁUSTRIA, SUÍÇA e DINAMARCA. Nas comemorações do dia Internacional da Mulher é reclamado para as mulheres o direito de votarem e serem votadas.
- 1914 TURQUIA. Criação da primeira faculdade para moças na Universidade de Istambul.
- 1915 SUÉCIA. A escritora Ellen Key reivindica informações sobre o controle de natalidade e amparo social para a mãe solteira.
- 1917 HOLANDA E RÚSSIA. Direito de voto para as mulheres. RÚSSIA SOVIÉTICA. A Revolução de Outubro e a primeira constituição soviética (1918), a igualdade de homens e mulheres na vida política, econômica e cultural.
- 1918 REINO UNIDO. As mulheres com mais de 30 anos podem votar e ser votadas para o Parlamento.
- 1919 ALEMANHA E TCHECOSLOVÁQUIA. As mulheres conquistam o direito de voto.
- 1920 ESTADOS UNIDOS. As mulheres votam em todos os Estados.
- 1923 AMÉRICA LATINA. Aprovada a 26 de abril pela Quinta Conferência dos Estados Americanos, reunida em Santiago do Chile, a resolução sobre Direitos da Mulher. TURQUIA. Com a ascensão de Kemal Atatürk ao poder, a emancipação da mulher na Turquia ganha grande impulso.
- 1925 JAPÃO. A 30 de março a Dieta vota a lei sobre o sufrágio universal excluindo as mulheres. Nasce então no Japão um movimento feminista. ÍNDIA. Sarojini Naidu, escritora e poeta, é eleita presidente do Congresso Nacional Indiano. Ela é defensora dos direitos da mulher na Índia.
- 1928 AMÉRICA LATINA. É criada a Comissão Interamericana de Mulheres por ocasião da Sexta Conferência dos Estados Americanos realizada em Havana.
- 1929 EQUADOR. As mulheres conquistam o direito de voto.
- 1931 BRASIL. Lei eleitoral da Segunda República dá às mulheres o direito de votarem e serem votadas.
- 1932 ESPANHA. A constituição da Segunda República reconhece o direito de voto das mulheres.
- 1906 FINLÂNDIA. As mulheres conquistam o direito de voto.
- 1908 REINO UNIDO. Criação da Liga pela Liberdade da Mulher. Manifestação feminista no Royal Albert Hall e no Hyde Park. Emmeline e Christabel Pankhurst e Flora Drummond, militantes feministas, são presas ao promoverem um comício em Trafalgar Square.
- 1934 FRANÇA. Realiza-se em Paris um congresso internacional de mulheres contra o fascismo e a guerra.
- 1936 Apesar de não terem as mulheres o direito de voto, três mulheres fazem parte do governo da Frente Popular, entre elas Irène Joliot-Curie, física e Prêmio Nobel.
- 1945 FRANÇA e ITÁLIA. Direito de voto para as mulheres.
- 1946 JAPÃO. Seis mulheres são eleitas para o Parlamento.
- 1951 OIT. Aprovada pela Organização Internacional do Trabalho a 19 de Junho a Convenção de Igualdade de Remuneração entre Trabalho Masculino e Trabalho Feminino para função igual.
- 1952 NAÇÕES UNIDAS. A Assembléa Geral aprova a 20 de dezembro, por grande maioria, a Convenção sobre direitos políticos da mulher.



Nas ruas de Londres, em 1913, as mulheres protestam. Redigidos em francês, inglês e alemão, os cartazes denunciam as discriminações de que eram vítimas as mulheres na Inglaterra.



Uma grande figura do mundo árabe, a célebre cantora egípcia Umm Kalsum, desaparecida em fevereiro deste ano. Suas interpretações de poemas clássicos e de canções dialetais mereceram durante quase 40 anos a admiração de um imenso público, do Iraque ao Atlântico.

- 1878 RÚSSIA. Abertura da primeira universidade feminina em São Petersburgo (Universidade Bestujev).
- 1882 FRANÇA. Em novembro, criação de uma Liga pelo Direito das Mulheres sob o patrocínio de Victor Hugo, então um dos líderes do Partido Republicano.
- 1888 ESTADOS UNIDOS. Susan B. Anthony funda o Conselho Nacional de Mulheres. Em Washington é fundado o Conselho Internacional de Mulheres por organizações feministas da Europa e dos Estados Unidos.
- 1889 RÚSSIA. Sofya Kowalevskaya, famosa matemática, é eleita para a Academia de Ciências da Rússia.
- 1893 NOVA ZELÂNDIA. As mulheres conquistam o direito de voto.
- 1901 FRANÇA. O deputado socialista René Viviani provoca o primeiro debate sobre o direito de voto para as mulheres. NORUEGA. As mulheres começam a votar em eleições municipais.
- 1903 REINO UNIDO. Emmeline Pankhurst, feminista inglesa, cria a Women's Social and Political Union (WSPU).
- 1904 ESTADOS UNIDOS. Fundada a Aliança Feminina Internacional.
- 1905 REINO UNIDO. Comício feminista em Manchester; Annie Kenny e Christabel Pankhurst são presas.
- 1957 TUNÍSIA. Uma lei reconhece a igualdade de direitos entre homens e mulheres.
- 1959 CEILÃO. Pela primeira vez no mundo uma mulher, Mme. Sirimavo Bandaranaike, é eleita Primeiro Ministro.
- 1961 PARAGUAI. A mulher adquire o direito de voto, que já é exercido pelas mulheres de toda a América Latina.
- 1962 ARGÉLIA. Treze mulheres são eleitas deputadas à Assembléa Nacional.
- 1964 PAQUISTÃO. Num ato político sem precedente, uma mulher, Fatima Jinnah, candidata-se à Presidência da República.
- 1967 IRÃ. A lei de "proteção à família" permite à mulher trabalhar sem autorização do marido. O uso do véu fora proibido em 1963.
- 1971 SUÍÇA. As mulheres conquistam o direito de voto.
- 1975 NAÇÕES UNIDAS. Ano Internacional da Mulher. CUBA. O Código da Família, de 8 de março, obriga os maridos a ajudarem as esposas nas tarefas domésticas.

EDUCAÇÃO BRASILEIRA



O BRINQUEDO

Anísio Teixeira

Trabalho
Publicado em Arte Educação de julho de 1971

Parece que começamos a descobrir hoje que nossos primeiros anos de infância marcam períodos não só de intensa curiosidade, mas de surpreendente atividade exploratória e, talvez, da maior capacidade de aprendizagem. Está, então, a criança a ganhar a sua visão do mundo e a aprender a difícil arte de linguagem, verdadeira técnica de regras e normas que vai automaticamente assimilar, quase sem nenhum ensino direto, a tudo isso associando os mistérios da convivência, da compreensão e do afeto. Não sabemos, o que realmente se passa em seu espírito, mas se a mente infantil já operasse retalmente com os instrumentos da atenção e da reflexão, e sua atividade fosse consciente e não apenas espontânea, diligente e prática, o que as crianças poderiam contar de sua vida mental excederia a tudo que nossa imaginação adulta conseguiu até hoje conceber, sentir e registrar.

Nesse estado de curiosidade, exploração e festa do espírito, em que parece viver a criança, os instrumentos de sua atividade são toda a sua vida, mas nem sempre esta lhe pode oferecer tudo o que seria necessário para ajudá-la em seu mundo de maravilhas e descobertas incessantes — antes, pelo contrário, a vida se inicia as mais das vezes pobre, difícil, nua e mais dominada pela necessidade de adaptação, confor-

mação, disciplinamento e, por fim, limitações inumeráveis, do que pelo maravilhamento que é sua extraordinária experiência do mundo e da vida. O "brinquedo" foi o que o homem concebeu de mais próximo do caráter intrínseco dessa experiência.

Mas o brinquedo fez-se "indústria" e mercadoria; e a necessidade do lucro reduziu-lhe o poder de alternativas e imaginações. O brinquedo fez-se o "presente" com que os pais iludem a incessante curiosidade da criança e seu extraordinário senso de maravilhamento.

Muito haveria a dizer a respeito da "indústria" do brinquedo. Há de tudo dentro dela. Mas a essência do seu espírito é, primeiro, que o brinquedo é coisa para ver, para divertir e distrair, para tranquilizar a criança, libertando o adulto da angústia de superlotar a intensidade de sua curiosidade, demasiado grande para a atarefada imaginação do adulto. E depois de tudo isto, governam o brinquedo o seu caráter hoje de "mercadoria" e a necessidade do lucro para vendê-la. Todos sabemos a que deformações, limitações e reduções obriga tal necessidade...

O começo de correção estaria em compreender que a fase infantil é acima de tudo de atividade, de ação, de prática, de manipulação e experiências com o mundo, e não ainda da contem-

plação, reflexão e possível deleite.

A criança está muito mais próxima do cientista, do inventor e do descobridor, do fazedor de coisas do que do sofisticado poeta ou artista. A criança faz, pratica e vive beleza, poesia e arte, mas não é quem se delicia em expressá-la, ou descrevê-la, ou "reconfigurá-la nos documentos estéticos que são os milagres dos re-criadores da beleza e da arte."

Os brinquedos deviam ser os instrumentos para facilitar o prodigioso mundo infantil das aventuras de descobertas de atividades exploratórias, de ação e prática portanto, sujeitas a regras e normas que constituem o exercício fundamental da mente humana. Lembrariam os brinquedos, o mundo do laboratório, da pesquisa e ação prática, do artesanato e da arte; mas, neste último campo, como no campo intelectual, a criança não compartilha da arte que requer de "mediatização" criadora do artista adulto, para o que tem ele de proceder àquele "distanciamento" necessário à reconfiguração mediada do conhecimento estético.

A criança é o artista do presente, ativo e capaz de praticar e viver a arte no deslubrimento imediato da ação e da exploração curiosa e absorvente, mas, ao que parece, não a pode reconstruir para sua reconfiguração no documento estético (O objeto da poesia, dizia Valéry, é o ausente).

A vida é extraordinário reservatório de realidades, aparências e potencialidades; da criança é o reino das potencialidades. Sua paixão é o que poderia ser em rigor, o mágico, com que busca saciar sua curiosidade exploratória sem limites. Pudessem os maiores cientistas do mundo ter um pouquinho que fosse da curiosidade da criança.

Os brinquedos, portanto, deviam ser o instrumento desse prodigioso e imaginário cientista e explorador que é a criança. Brinquedos utilitários, no sentido do adulto, são algo de monstruoso.

Não são totalmente perdidos porque a criança os transformará também em algo mágico para sua vida e deslubrimento e curiosidade sem fim.

Os brinquedos das crianças são o equipamento para sua aventura de conhecimento. Mas, o conhecimento para a criança envolve os aspectos e todas as camadas do conhecimento: o estético e imaginativo, o positivo operativo e prático, o fantasioso e mágico e todas as demais formas de experiência humana em suas fases multiformes e ilimitadas. A limitação única que talvez, se deva recomendar seria a de não insistir no caráter utilitário do brinquedo. Dentre todas as suas grandezas a criança tem também esta, a de não ser utilitária.

ARTE COMUNICAÇÃO

Pendurada no concreto: arte nativa

Nos arredores de Pretória West, África do Sul, estão instaladas as oficinas de arte, artesanato e divisão de indústrias domésticas da "Bantu Investment Corporation". A "BIC" como é conhecida, expõe nas suas dependências, arranjadas à moda europeia, os mais diversos objetos de decoração e utilidades. Há ali estatuetas em madeira, mobílias, tapetes, pinturas, cestos bojudos, vasos de barro, decorações murais e candeeiros, além de uma variadíssima coleção de adornos em missangas. Os organizadores da empresa e os seus pesquisadores de mercado, agem nas terras das tribos "Ovamba", "Kavanga", "Venda", "Xangano", "Tsuana" e "Zula". Calculam o potencial de cada uma dessas áreas e enviam exemplares das melhores peças para o centro de distribuição em Pretória. Quando os artigos se mostram comerciáveis e lucrativos, compram-nos e encomendam mais exemplares. Os artistas e artífices são levados a adaptar suas produções, segundo as preferências do mercado que é sul-africano e estrangeiro. Estas adaptações incluem o que os dirigentes da "BIC" chamam de "melhoria de qualidade" e resultam numa arte e artesanato que guardam apenas uma lembrança do que eram em sua rusticidade de pontos, entalhes etc. Realizações, que embora sofisticadas, o eram segundo o material local e instrumentação artesanal.

Atualmente são usadas técnicas e instrumentos que permitem um trabalho mais rápido e eficiente para atender a demanda. Um dinâmico programa de "marketing", lançado por Bernard Perry — chefe da divisão — teve como resultado, a produção grandemente acelerada para responder à enorme procura criada. Só o mercado da África do Sul é suficientemente grande para absorver tudo que seja oferecido, porém a procura estrangeira é ainda maior.

Uma exposição, no Hilton Hotel de Nova York, chamou a atenção dos comerciantes americanos para a arte banta, adaptada ao gosto ocidental que, por acréscimo, trouxe o mercado japonês, ambos promissores e altamente rentáveis para os lucros da "BIC" desde que, o mercado europeu há muito sustenta seus lucros.

OBJETOS MAIS PROCURADOS

Os tapetes provocam sempre uma grande admiração do comprador estrangeiro, incluindo o sul-africano. Há tapetes de sisal em cores vivas, há tapetes macios e fofos tecidos em lã, em angorá, redondos, retangulares, ovais e quadrados, apresentando uma variedade de padrões que exploram as possibilidades das figuras geométricas.

As esteiras são traçadas com palha, ou cana, formando artísticas combinações de linhas. Da mesma maneira, é possível encontrar as peles curtidas dos animais. Os cestos são bojudos e colocados uns sobre os outros. Neles, o comprador pode colocar um raminho de flor ou uma revista, mas também toda a



Orlando Villas Boas não admite transações com a arte dos donos da terra.

roupa da família. Os cestos de "Kavanga" são impermeáveis.

Os objetos de missangas são particularmente interessantes e talvez sejam um dos poucos artesanatos que têm mantido sua autenticidade de criação. Isto, porque fazem parte integrante da vida tribal dos povos bantos. Os desenhos e as cores têm significado simbólico e os conhecedores podem imediatamente, olhando-os, deduzir de onde são provenientes. Cada família tem os seus desenhos característicos que podem ser alterados, com algumas variações, nos objetos decorativos que as mulheres usam.

UMA SOLUÇÃO TAMBÉM POLÍTICA

Este tipo de organização e orientação da "Bantu Investment Corporation" reforça a política do "Apartheid" — segregação racial — pois garante os bantus em suas terras, não sendo necessária então sua permanência nas cidades brancas. Esta política bastante estratégica diminui sensivelmente as possíveis tensões sociais que causaria a livre permanência dos negros, impossibilitados e despreparados tecnicamente, na sua grande maioria, para posições de controle, ou mesmo, apenas no campo da indagações sobre a estrutura do país, controlado por aproximadamente 3 milhões e meio de brancos, contra 15 milhões de não brancos explorados.

COISA SEMELHANTE NO BRASIL

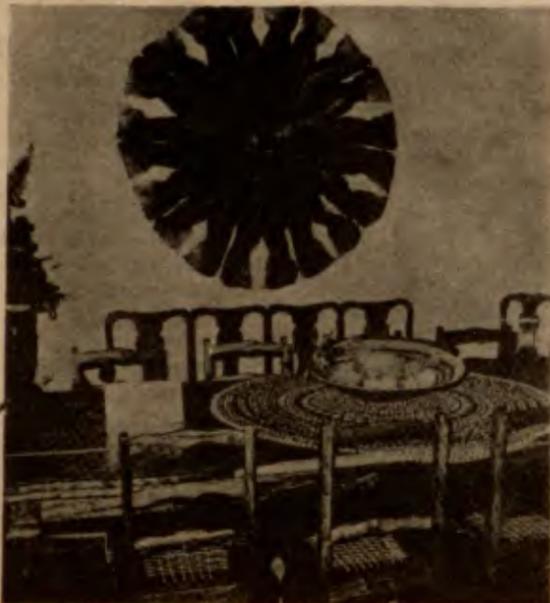
No Brasil, política semelhante tem sido adotada para a arte e o artesanato indígena. A Artíndia, setor do Ministério do Interior, integrada a FUNAI, possui várias lojas espalhadas pelo país: em São Paulo, na Galeria Ouro Velho; Brasília no aeroporto e outra na

rodoviária; Guanabara no Museu do Índio e outra no Galeão e ainda em Cuiabá e Manaus. A política de comercialização da arte Índia é totalmente condenada por Orlando Villas Boas.

Segundo Alaide Aires Medeiros, funcionária da loja Artíndia em São Paulo, o artesanato indígena é muito procurado por lojas de decoração, que consomem sobretudo cestarias, peças de cerâmica e armas em geral, consideradas as mais apropriadas para decorações de ambientes. Há demanda também — explica — de peças para exportação, feita através de firmas que mantêm comércio de artesanato popular em cidades da Europa. "Tivemos muitas encomendas para a Alemanha e Japão". Entre os fregueses residentes no Brasil, os de origem estrangeira são a maioria. Os preços das peças variam entre dez e seiscentos cruzeiros aproximadamente, mas a renda mensal destas lojas não é boa, devido as despesas de aluguel, funcionários, limpeza, etc.

As melhores peças são consideradas as da Amazônia, porque não possuem muitos traços de aculturação e portanto são como "figurinha premiada" entre os colecionadores e compradores brancos. A cerâmica "Kadweu" está apresentando uma influência progressiva do processo civilizatório revelada pela forma dos vasos, por exemplo, alguns dos quais são cilíndricos e perfurados na base, para escoamento da água à semelhança de vasos de barro para plantas; além de ultimamente aparecerem para a venda nestas lojas uma boa quantidade de cinzeiros, pratos e outros objetos para uma decoração barata e original.

As direções destas Artíndias lastimam frequentemente não possuírem para vender as cerâmicas e o artesanato em geral, do Parque Nacional do Xingu — sob o comando dos Villas Boas: "essa área é muito fechada. Lá, os Villas Boas não deixam ninguém entrar e nem sair com uma só peça do que quer que seja".



África do Sul: Mobília de teca para sala de jantar, no estilo holandês do Cabo, feita por artesãos bantos. O cesto sobre a mesa foi impermeabilizado sob a ação da água e é utilizado pelos kavangos para guardar leite.



Artíndia instalada em São Paulo: Comercialização da arte indígena brasileira.

OS FATOS ESTÃO AÍ

Baixaram um decreto (um a mais), o 189 em julho último, para que os professores estaduais, para a área municipal do Rio de Janeiro tivessem sua carga horária aumentada para 18 horas, sem aumento nos seus vencimentos. Os mestres não foram consultados, não fizeram opção.

O semanário Opinião entrevistou quatro professores secundários sobre a reforma do ensino, problemas dos professores do ensino médio e educação em geral.

Conta a profª Sonia: Um dia desses, uma aluna do 1º normal escreveu numa prova que a grande contribuição do índio para a cultura brasileira tinha sido o Teste do Cooper e quando, bastante aflita, pedi explicações ela disse que o índio corre e, portanto, inventou o Teste de Cooper.

Conta o prof. João "Um outro me garantiu que Jesus Cristo nasceu no Brasil, no Vale do Itajaí".

Conta o prof. Eraldo "Na minha turma de classe média, no Andrews, dei uma redação intitulada "Comigo esta tudo bem, os incomodados que se mudem". De quarenta alunos só dois conseguiram desenvolver o tema. Para os demais respondi no fim da aula: "A redação que vocês não escreveram foi a melhor que já fizeram em suas vidas. Porque com vocês está tudo bem, os incomodados que se mudem".

Conclui o prof. Francisco: "Sinal de um outro grave problema. Não sabem redigir e estão desaprendendo a falar. Explica o prof. João: Claro, são treinados para fazer cruzinhas.

Os próximos vestibulares incluirão uma prova de redação depois das evidências demonstradas por professores da USP. A medida tem o intuito de obrigar o jovem a reaprender a se comunicar. Será que basta?

Observação do Carlos Diegues sobre o papel do Estado na atual investida para "organizar" o cinema Brasileiro.

De observador o Estado passou a protagonista da sofrida aventura do cinema brasileiro. Mas, o que ele nos dá com uma mão pode muito bem nos tirar com a outra: a da Censura".

Notinha no semanário Movimento:

Geraldo Bordon, dono da maior indústria de carne do Brasil, visitou o Ministro da Agricultura, em Brasília, e disse que faltará carne nos açougues se o governo não racionalizar a venda ou não importá-la do Uruguai. O racionamento admitiu, é anti-pático. Portanto, importar é a melhor solução. "Eu me preocupo é com o povo" disse o Bordon.

Seminário de Música: A Universidade de Brasília vai promover de



realizado o I Seminário, com a presença de José Ramos Tinhorão, Marcus Pereira e outros. Paralelamente ao Seminário, haverá o I Festival de Música Popular Brasileira exclusivamente para universitários. O festival será realizado na entrada sul do Instituto Central de Ciências, no campus da UNB, ao ar livre.

Seminário sobre Graciliano Ramos: Será realizado na cidade de Palmeira dos Índios (AL) no período de 27 de outubro a 2 de novembro, a I Semana Nacional de Estudos sobre Graciliano Ramos, com a participação de escritores brasileiros e críticos brasileiros e es-

trangeiros. "São Bernardo" de Graciliano, já levado para o cinema, será agora editado na Inglaterra.

As espumas invadiram Santana do Parnaíba:

Quando as comportas da barragem Edgard de Souza no rio Tietê, foram abertas, formando redemoinhos como nas máquinas de lavar roupa as águas repletas de substâncias químicas, inclusive, detergentes se transformaram em espumas. A pacata cidade colonial se viu tomada pela poluição, concretizada naquelas grandes bolhas de espuma branca que por onde passavam iam deixando uma névoa marrom oleosa,

matando as florzinhas de residências tranquilas, de quintais com árvores frutíferas, também atacadas pela, aparentemente, inofensiva espumilha. Quimicamente a espuma é constituída de uma "cabeça" de benzeno — que gruda na sujeira — e uma "cauda" de doze átomos de carbono — que é atraído pela água, segundo explicações da revista Veja numa reportagem sobre o assunto. **Violeta Parra chega a Paris:** Evocada por sua filha Isabel Parra, pelo grupo Inti Illimani e por Patricio Castillo, a grande poetisa chilena faz vibrar o pa-

risiense no Théâtre d'Or-

say. Parra, marca a renovação da canção popular no Chile.

A Unesco, órgão das Nações Unidas para a Educação e Cultura dará ao brasileiro (você ainda se lembra dele? Você conhece?) Paulo Freire, o premio Reza Pahlavi", por seu trabalho de educação de adultos no Nordeste brasileiro. O educador esta exilada desde 1964 na Suíça não tendo nunca mais retornado ao Brasil.

Os graficos: Do estado de São Paulo entraram em dissídio coletivo. Não foi possível um acordo com os proprietários de jornais e revistas do estado.

Os estudantes: Aproximadamente 6 mil da Universidade Federal da Bahia estão em greve. Entre as queixas, o baixíssimo nível de ensino. Parece que já entramos no círculo vicioso de professores pèssimos e alunos desorientados. Como é que vai-parar e onde?

Foi instalada a CPI do Mobaral. Uma das revelações é que o Mobaral está alfabetizando menores de 14 anos no Rio Grande do Sul, ao contrário do que afirmaram o Ministro da Educação e o presidente do órgão.

Cão Raivoso: O "Cão Raivoso" é um jornal que tornou-se símbolo da liberdade de informação, crítica e manifestação artística dentro de nossa escola. Lutar pela afirmação de tais valores é um dever de todos nós. Resposta dos alunos da Fundação Alvares Penteado (SP) — curso de Comunicação — ao senhor João de Scatimburgo, diretor da faculdade, que puniu os 13 alunos que elaboraram o "Cão Raivoso". O jornal falava do relacionamento entre professores e estudantes, do aumento das anuidades, das bolsas reembolsáveis e da disposição dos alunos em participar e serem ouvidos. O jornal foi considerado, pelo primeiro mandatário da referida faculdade, difamatório. Houve solidariedade entre os alunos.

Na França: Pela primeira vez, o Estado dá o exemplo. A pedido da Secretaria de Estado para a Condição Feminina, todos os estabelecimentos e todas as empresas dependentes da organização pública foram convocados, por ocasião do reinício das aulas, em 15 de outubro, último, a facilitar os horários das mães e de todas as pessoas encarregadas de cuidar de crianças. Paralelamente, uma circular oficial esclarecia os portadores da autorização concedida para as pessoas encarregadas de cuidados a crianças doentes: 12 dias de licença ou 24 dias úteis em casos excepcionais.

ANISTIA

MANIFESTO DA MULHER BRASILEIRA EM FAVOR DA ANISTIA

Nós, mulheres brasileiras, neste Ano Internacional da Mulher, assumimos nossas responsabilidades de cidadãs no quadro político nacional. Através da História, provamos o espírito solidário da mulher fortalecendo aspirações de amor e justiça. Eis porque, neste Ano Internacional da Mulher, nós, nos antepomos aos destinos da Nação, que só cumprirá a sua finalidade de paz, se for concedida a anistia ampla e geral a todos aqueles que foram atingidos pelos atos de exceção. Conclamamos todas as mulheres, no sentido de se unirem a este movimento, procurando o apoio de todos quantos se identifiquem com a idéia da necessidade imperiosa da anistia, tendo em vista um dos objetivos nacionais: a Unidade da Nação.

"De nossa parte, o que sentimos é a mesma necessidade de fazer algo por aqueles que permanecem presos em todos os rincões do território brasileiro dos quais nossos filhos e irmãs são apenas uma parte. E fazê-lo acreditando que, como pessoas às quais não se pode atribuir senão esse compromisso com o destino de uma gente na sua irresistível vocação de liberdade e independência, justiça e fraternidade, eles não podem continuar presos, e muito menos retirados definitivamente do convívio dos seus, mortos ou desaparecidos para sempre. E esta mesma ameaça pesará constantemente sobre os nossos familiares, enquanto permanecerem encarcerados."

(Mensagem enviada no Natal de 1974 com a assinatura de 102 familiares de presos políticos de São Paulo, aos pastores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

(...) A voz do sangue do teu irmão clama na terra por mim (Gênesis, 4.10)

"O inserimento cada vez mais amplo e qualificado da mulher no mundo do trabalho, da cultura e da competição, em quaisquer setores da vida pública assinala um dos aspectos mais típicos da sociedade moderna."

(...) Por fim, se inclui a colaboração para a paz como tema de estudo do ano Internacional da Mulher. Preve-se que ela contribua para o entendimento entre os povos e exerça influência sobre as decisões que tornem a paz feliz e perene realidade."
(Cardeal Scherer, no Correio do Povo, de Porto Alegre em 1/7/1975).

O semanário "Opinião" foi o primeiro órgão da imprensa brasileira a publicar, em sua edição de 30 de maio deste ano, que "um grupo de mulheres" iniciara "amplo movimento" pela anistia aos presos políticos do Brasil. Falando ao Jornal, as mulheres — profissionais liberais, universitárias, mães de família, trabalhadores — explicavam ter sido esta a forma mais consequente que encontraram "para comemorar, trabalhando, o Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU".

Desde o início do ano, vinha ocorrendo, no mesmo sentido, manifestações da Igreja e de Parlamentares. Pouco antes da Páscoa o Cardeal — Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, incluía, entre as orações da Semana Santa, um pedido especial: "Anistia generosa para os presos políticos de nossa Terra. E, em fevereiro, no dia 15 a CNBB distribuía nota oficial anunciando sua disposição em prosseguir lutando pela salvaguarda dos Direitos Humanos, incluindo a situação de pessoas desaparecidas cujo destino continua não suficientemente esclarecido".

Na área parlamentar, na mesma época, aqui e ali, várias sugestões se levantavam. Do embaixador goiano Juarez Bernardes, de "anistia ampla para o condecoramento de toda a família brasileira", ou mesmo de um representante da Arena gaúcha, Vasco Amaro, pedindo "revisão das punições aplicadas com base nos atos institucionais". O presidente do partido oposicionista, Ulisses Guimarães, no mês de fevereiro, apresentava como um ideal partidário a anistia aos políticos cassados, embora sem referir-se diretamente aos presos políticos.

Mas o que poderia ter sido um catalizador destas tendências apenas esboçadas no interior do MDB — o primeiro projeto amplo de anistia não teve, longa vida. Apresentado na abertura dos trabalhos do congresso — 3 de março — pelo deputado Florin Coutinho, general da reserva (MDB-RJ) o projeto que não falava apenas de cassados, foi considerado inconstitucional, "já que o assunto é de única competência do presidente da

República, e não teve apoio oficial do Movimento Democrático Brasileiro.

No artigo do "Opinião", divulgando a íntegra do Manifesto, por elas elaborado as organizadoras do Movimento Feminino Pela Anistia, esclareciam suas intenções de recolher assinaturas de mulheres em todo o país e divulgá-lo, constatando organizações e entidades que se identificassem com a idéia, buscando apoio em áreas sensíveis como a Igreja e o MDB.

Lembravam, ainda, o ano de 1945 quando as mulheres brasileiras, as paulistas à frente, venceram a mesma luta, com sua Campanha Feminina pela Pacificação da Família Brasileira, centenas de homens que estavam presos muitos injustamente em julgamento nos cárceres da ditadura getulista. No dia 4 de abril daquele ano o Movimento Feminino Pela Anistia dirigia ao Congresso do México, lido por Terezinha Zerbini para duas mil mulheres, ao assumir o microfone durante os debates que se seguiram ao pronunciamento da representante oficial do governo brasileiro, Carmem Barroso da Fundação Carlos Chagas.

E além das latino-americanas, mulheres militantes em movimentos femininos de todo o mundo, incluíram em seu documento (feministas de todo o mundo que se intitulam "Women's of Word") o item "anistia incondicional a todos os resistentes de guerra (principalmente os que se recusaram a lutar no Vietnã), a todos os presos políticos, e aos que estão no exílio por oposição a seus governos".

A BOLA DE NEVE

Uma das primeiras adesões de entidades nacionais veio do sul, do Rio Grande, dos estudantes. O Diretório Central dos Estudantes da UFRGS manifestou seu "irrestrito apoio ao movimento das mulheres brasileiras por anistia ampla e total aos presos políticos". Da dia 24 de junho de 1975, estava datado o documento dos estudantes. E outra repercussão, essa internacional, no mesmo dia estava havendo, no extremo norte da América Latina. No México 700 mulheres latino-americanas, presentes à Conferência do Ano Internacional da Mulher, entre elas nenhuma representante governamental, elaboraram uma declaração conjunta para ser enviada à ONU, incluindo, entre suas proposições, "anistia

para todos os presos políticos do mundo e o repúdio a todas as perseguições por causas ideológicas".

Era o resultado da atuação de Terezinha Zerbini, que, para apresentar o MFPA no Congresso, não ganhou passagem de avião, nem hospedagem e em hotel e muito menos o uso pré-estabelecido do microfone, de vez que não estava inscrita como delegada do governo brasileiro. Mas, apesar de viajar com pouco dinheiro, D. Terezinha foi ao México convicta da possibilidade de falar ao público da conferência.

"Nós, mulheres de todo mundo, devemos propor aqui, nesta conferência mundial, seja aprovada uma moção em que se peça anistia política a todos os presos do mundo, homens e mulheres". Era o terceiro ponto do documento que o Movimento Feminino Pela Anistia dirigia ao Congresso do México, lido por Terezinha Zerbini para duas mil mulheres, ao assumir o microfone durante os debates que se seguiram ao pronunciamento da representante oficial do governo brasileiro, Carmem Barroso da Fundação Carlos Chagas.

Como advogada, — disse a líder do Movimento — "Nós, no Direito, temos o Instituto da Anistia, que visa exatamente a concórdia, a paz e união. Quería saber do senador Jarbas Passarinho — delegado do povo — que opinião tem sobre a questão". A resposta de Passarinho foi que se lhe fosse conferida competência para tal, assinaria a anistia "naquele momento, naquele instante". Afirmou-se "como democrata" e quando solicitado para concretizar seu apoio, pôs-se à disposição das senhoras que iriam à Brasília levar o apelo e as assinaturas ao presidente Geisel o qual não havia se pronunciado contrário à anistia, afirmou o senador na ocasião.

No dia 4 de agosto em São Paulo, o senador Jarbas Passarinho afirmou a Terezinha Zerbini que "o presidente Geisel não havia, de forma alguma negado a anistia", afirmou essa repetida mais uma vez pelo Sub-Chefe da Casa Civil no dia 14 do mesmo mês em Brasília.

De qualquer forma, o pronunciamento do presidente Geisel de 1 de agosto que repercutiu em todos os setores políticos do país, veio afetar a dinâmica do Movimento Feminino como por exemplo, em Londrina onde as listas de adesão deveriam correr de porta em porta no domingo subsequente, — 3 de agosto — circulando então em âmbito, mais fechado, com consequente diminuição do número provável de assinaturas (elas viriam a somar 12 mil ao fim dos trabalhos). Quase ao mesmo tem-

po, a 8 de agosto, outro assessor direto presidencial, neste caso o chefe da Casa Militar, general Hugo de Andrade Abreu, em carta ao deputado do MDB goiano João Dorneles, que pedia a anistia política para o próximo Natal, afirmava: "o governo não cogita, no momento, dar, anistia aos atingidos pelos atos institucionais, por achar que tal medida viria beneficiar, inúmeros culpados de sérios delitos contra a coletividade".

O VAIVEM DO MOVIMENTO

Foi agitada esta primeira semana de agosto que ficou marcada, principalmente, pelo pronunciamento-resposta da oposição ao governo, através dos protestos do presidente nacional do MDB, Ulisses Guimarães.

Ulisses Guimarães discursaria novamente agora, no Ciclo de Debates sobre Institucionalização e Sistema Político Brasileiro, promovido em São Paulo pela Ordem dos Advogados do Brasil.

Em outra sessão do Ciclo de Debates da OAB-SP, no dia 4 de agosto Terezinha Zerbini apartearia o senador Jarbas Passarinho, após o discurso em que o ex-ministro da Educação e do Trabalho falara em "concordia".

Como advogada, — disse a líder do Movimento — "Nós, no Direito, temos o Instituto da Anistia, que visa exatamente a concórdia, a paz e união. Quería saber do senador Jarbas Passarinho — delegado do povo — que opinião tem sobre a questão". A resposta de Passarinho foi que se lhe fosse conferida competência para tal, assinaria a anistia "naquele momento, naquele instante". Afirmou-se "como democrata" e quando solicitado para concretizar seu apoio, pôs-se à disposição das senhoras que iriam à Brasília levar o apelo e as assinaturas ao presidente Geisel o qual não havia se pronunciado contrário à anistia, afirmou o senador na ocasião.

A mesa diretora deste mesmo ciclo de debates recebera carta datada de 2 de agosto, e entregue no final da conferência cujo conferencista foi o deputado Ulisses Guimarães. "Vimos à presença de Vossas Excelências, também, para dizer de nossa luta como familiares de presos políticos de São Paulo. Luta que tem sido intensa, exaustiva... São as

em documentos entregues à regional do movimento, assim como, no dia 31 de julho a "Folha de Londrina" dava uma página ao Movimento, explicando suas origens e intenções.

O VAIVEM DO MOVIMENTO

Mas, a 1º de agosto, um banho de água fria no entusiasmo democrático crescente: falando aos brasileiros em cadeia nacional de televisão, o presidente Geisel reafirmava os atos institucionais e asseverava que "não aceitaria pressões", o que as mulheres do Movimento receberam por uma negativa antecipada ao seu apelo. Interpretação negada mais tarde pelo sub-chefe da Casa Civil da Presidência da República. No dia 8 de agosto as 8 horas da manhã a coordenação do MFPA recebia um Telex do Ministro Chefe da Casa Civil: "Acuso recebimento carta 31 de julho na qual solicita entrevista chefe Governo para entregar Memorial Movimento Feminino Pela Anistia Pt Acordo Normas, sobre audiências expedidas início Governo vg o senhor Presidente da República não concede entrevistas para recebimento memoriais vg convites ou documentos semelhantes pt sugiro vg pois vg encaminhar documento por intermédio Gabinete Civil para apreciação pt cordiais saudações GOLBERY DO Couto e SILVA MINISTRO CHEFE DA CASA CIVIL".

No dia 14 de agosto em São Paulo, o senador Jarbas Passarinho afirmou a Terezinha Zerbini que "o presidente Geisel não havia, de forma alguma negado a anistia", afirmou essa repetida mais uma vez pelo Sub-Chefe da Casa Civil no dia 14 do mesmo mês em Brasília.

De qualquer forma, o pronunciamento do presidente Geisel de 1 de agosto que repercutiu em todos os setores políticos do país, veio afetar a dinâmica do Movimento Feminino como por exemplo, em Londrina onde as listas de adesão deveriam correr de porta em porta no domingo subsequente, — 3 de agosto — circulando então em âmbito, mais fechado, com consequente diminuição do número provável de assinaturas (elas viriam a somar 12 mil ao fim dos trabalhos). Quase ao mesmo tem-

po, a 8 de agosto, outro assessor direto presidencial, neste caso o chefe da Casa Militar, general Hugo de Andrade Abreu, em carta ao deputado do MDB goiano João Dorneles, que pedia a anistia política para o próximo Natal, afirmava: "o governo não cogita, no momento, dar, anistia aos atingidos pelos atos institucionais, por achar que tal medida viria beneficiar, inúmeros culpados de sérios delitos contra a coletividade".

Foi agitada esta primeira semana de agosto que ficou marcada, principalmente, pelo pronunciamento-resposta da oposição ao governo, através dos protestos do presidente nacional do MDB, Ulisses Guimarães.

Ulisses Guimarães discursaria novamente agora, no Ciclo de Debates sobre Institucionalização e Sistema Político Brasileiro, promovido em São Paulo pela Ordem dos Advogados do Brasil.

Em outra sessão do Ciclo de Debates da OAB-SP, no dia 4 de agosto Terezinha Zerbini apartearia o senador Jarbas Passarinho, após o discurso em que o ex-ministro da Educação e do Trabalho falara em "concordia".

O VAIVEM DO MOVIMENTO

Mas, a 1º de agosto, um banho de água fria no entusiasmo democrático crescente: falando aos brasileiros em cadeia nacional de televisão, o presidente Geisel reafirmava os atos institucionais e asseverava que "não aceitaria pressões", o que as mulheres do Movimento receberam por uma negativa antecipada ao seu apelo. Interpretação negada mais tarde pelo sub-chefe da Casa Civil da Presidência da República. No dia 8 de agosto as 8 horas da manhã a coordenação do MFPA recebia um Telex do Ministro Chefe da Casa Civil: "Acuso recebimento carta 31 de julho na qual solicita entrevista chefe Governo para entregar Memorial Movimento Feminino Pela Anistia Pt Acordo Normas, sobre audiências expedidas início Governo vg o senhor Presidente da República não concede entrevistas para recebimento memoriais vg convites ou documentos semelhantes pt sugiro vg pois vg encaminhar documento por intermédio Gabinete Civil para apreciação pt cordiais saudações GOLBERY DO Couto e SILVA MINISTRO CHEFE DA CASA CIVIL".

No dia 14 de agosto em São Paulo, o senador Jarbas Passarinho afirmou a Terezinha Zerbini que "o presidente Geisel não havia, de forma alguma negado a anistia", afirmou essa repetida mais uma vez pelo Sub-Chefe da Casa Civil no dia 14 do mesmo mês em Brasília.

De qualquer forma, o pronunciamento do presidente Geisel de 1 de agosto que repercutiu em todos os setores políticos do país, veio afetar a dinâmica do Movimento Feminino como por exemplo, em Londrina onde as listas de adesão deveriam correr de porta em porta no domingo subsequente, — 3 de agosto — circulando então em âmbito, mais fechado, com consequente diminuição do número provável de assinaturas (elas viriam a somar 12 mil ao fim dos trabalhos). Quase ao mesmo tem-

po, a 8 de agosto, outro assessor direto presidencial, neste caso o chefe da Casa Militar, general Hugo de Andrade Abreu, em carta ao deputado do MDB goiano João Dorneles, que pedia a anistia política para o próximo Natal, afirmava: "o governo não cogita, no momento, dar, anistia aos atingidos pelos atos institucionais, por achar que tal medida viria beneficiar, inúmeros culpados de sérios delitos contra a coletividade".

Foi agitada esta primeira semana de agosto que ficou marcada, principalmente, pelo pronunciamento-resposta da oposição ao governo, através dos protestos do presidente nacional do MDB, Ulisses Guimarães.

Ulisses Guimarães discursaria novamente agora, no Ciclo de Debates sobre Institucionalização e Sistema Político Brasileiro, promovido em São Paulo pela Ordem dos Advogados do Brasil.

exemplo de Jarbas Passarinho, Dr. Adalberto Costa, da subchefia da Casa civil garantiu às representantes do MFPA que o pronunciamento presidencial não continha qualquer alusão desfavorável a anistia.

A última manifestação pública do Movimento Feminino pela Anistia, até agora ocorreu, simultaneamente, em 4 cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Londrina, em 25 de agosto. Ela se



Terezinha Zerbini

concretizou diante das estatuas, em praça pública, de Duque de Caxias e Getúlio Vargas, ambos anistiadores e que passaram a história como pacificadores.

Lembraram que o patrono militar concedera anistia aos envolvidos na revolta de Olinda e Recife, e que, nas próprias palavras de Caxias, este era "o meio mais profícuo para o resguardo dos bens do Estado": a homenagem extensiva a Getúlio Vargas

reside no fato que o estadista, a 19 de abril de 1945, respondeu positivamente às mulheres brasileiras, libertando todos os detidos por crimes políticos ou conexos.

NOTA — Leio no próximo número de Brasil Mulher sobre as adesões da Câmara Municipal de Campos da Jordão: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e pronunciamento de Alceu Amoroso Lima no Associação Brasileira de Imprensa.

NA ROSA DOS VENTOS

Brasil Mulher — 9/10/75 — pag. 10

"O marido chinês ajuda a mulher nos trabalhos domésticos, principalmente quando vivem e trabalham no campo. Inicialmente o sucesso foi bem pequeno. Porém, quando o trabalho manual passou a integrar a educação dos

meninos, meninas, moços e moças, os maridos passaram espontaneamente, a participar das tarefas domésticas. Entretanto, para ser honesta, o trabalho da mulher continua a ser mais pesado do que o do homem".



Passageiras de terceira classe

Informação Unesco: Observadores que assistiam a uma recente reunião da Unicef em Assunção, Paraguai, disseram que as mulheres da América Latina são passageiras de terceira classe, incapazes de cuidar de seus destinos, vivendo à margem da sociedade. Que pensa a senhora desse julgamento?

Esmeralda Arboleda: Essa classificação foi certamente feita pelos passageiros da primeira classe, que são os homens. De qualquer maneira os passageiros, sejam da primeira, segunda ou terceira classe não decidem sozinhos a rota que o trem seguirá, são submetidos à decisão do condutor e aos itinerários fixados pela organização central ou seja a sociedade. Ora, essa, evidentemente, favorece bem pouco às mulheres.

I.U.: Entretanto, a mulher assume frequentemente a responsabilidade de chefe de família, quando o homem se ausenta por longos períodos, trabalhando nas plantações de banana, café e açúcar... é o que revela um estudo realizado recentemente na América Central.

E.A.: Isso é verdade não somente na América

Central e em toda a América Latina mas, igualmente em outros países subdesenvolvidos. A tarefa das mulheres é muito pesada: elas trabalham duramente e são as melhores artesãs do bem estar da família, sobretudo nas regiões rurais. Entretanto, elas não participam das decisões.

I.U.: Como é possível que o "machismo" exista de modo tão forte na América Latina, quando as mulheres assumem tão graves e pesadas responsabilidades?

E.A.: Eu não considero os homens como os únicos responsáveis por essa atitude. É um fenômeno social criado por vários fatores: a tradição e em certos lugares a religião. É evidente que nós vivemos num mundo onde a regra do jogo é ditada pelos homens.

E bom que se esclareça que a América Latina não tem o monopólio dessa situação. Acabei de ler uma série de artigos publicados pelo jornal francês "Le Monde" sobre a situação da mulher nos principais países da Europa Ocidental, e não acho que ela é melhor que a nossa latino-americana. Nós somos menos sofisticadas, eis tudo. A "superioridade masculina" que nós chamamos machismo, pode ser encontrada em todos os lugares.

I.U.: A senhora acabou de falar das tradições que são heranças europeias, visto que a América Latina recebeu principalmente da Espanha mas o que pode dizer sobre as comunidades indígenas? A situação das mulheres é diferente nessas comunidades?

E.A.: Nas comunidades indígenas antes da conquista espanhola, a condição da mulher era bem melhor que hoje em dia. A mestiçagem infelizmente, deformou bastante as tradições originais. Mas nos dias de hoje, apesar da influência europeia, a mulher indígena ainda é melhor considerada em relação

as mulheres de outras sociedades. Ela simboliza tudo o que é importante para a sociedade indígena: a terra, os produtos naturais e a fertilidade.

I.U.: Na América Latina existe um movimento de libertação da mulher?

mulheres como iguais e não como inferiores ou escravas.

I.U.: As mulheres tiveram um papel nas lutas de independência da América Latina?

E.A.: Simão Bolívar, o Libertador, foi salvo várias vezes por mu-

Romancista, médica e técnica em demografia a Dra. Han Suyin está nessa página com a Dra. Esmeralda Arboleda Cuevas, advogada, jurista e ex-ministro das comunicações da Colômbia (61-62) e embaixadora de seu país na Áustria e depois na Iugoslávia. As duas mostram nessa entrevista dada a "Informação Unesco", as diferenças existentes quando uma mulher mora na América Latina e outra na China. A Dra. Suyin diz na abertura de sua entrevista: "Todas as mulheres que escuto dizer que deixam a política a seus maridos, imediatamente me decepcionam e perdem o prestígio aos meus olhos". E Dra. Esmeralda: "Meu marido é o homem mais feminista que já conheci em toda a minha vida. Ele sempre dá apoio a tudo que eu julgo importante realizar". A Dra. Han nasceu em Se-Tchouan, de pai chinês e mãe belga. "Os dois se encontraram num mercado de laticínios e como todos os chineses detestam queijos, meu pai detestava também". "Depois desse encontro, ele passou a ser um bom amador na questão e, sinceramente, essa foi a maior revolução cultural que eu já vi concretizada". Continuando a explicar sua origem disse sentir-se ligada a China porque "lá vivi meus primeiros 20 anos. Mas, é convicta que o mundo é um só". Opinião que é também da Dra. Esmeralda. Portanto quando esta fala da América Latina, estende seu raciocínio às mulheres de fala não espanhola, o que é cabível desde que as relações de produção ou, como ganhar a vida trabalhando, são praticamente da mesma forma nos países classificados como subdesenvolvidos.

E.A.: Sim, mas os homens gozam desse movimento e as mulheres detestam o ridículo. E isso é um obstáculo para a sua libertação. De minha parte, sou a favor de todos os movimentos — mesmo os mais extremistas — porque eles permitem atrair a atenção para as injustiças.

No início das atividades dos pequenos grupos de militantes só encontrava indiferença por parte da grande massa das mulheres. Mas hoje, uma solidariedade entre as mulheres está aparecendo.

I.U.: e os homens nessa questão toda?

E.A.: Eu sou profundamente feminista. Sou contra o atual funcionamento da sociedade ocidental. Mas não sou a favor da guerra do sexo. Muitos homens são também vítimas da organização social. Eles prefeririam ver seus

heres. Particularmente por sua mulher Manuelita Saenz; uma mulher muito inteligente que o salvou de um assassinato durante a "sombria noite de setembro", como foi chamada. Uma outra vez, Luiza Crober, haitiana, também o salvou. A frequência de se ver salvo por mulheres deve-se ao fato que o Libertador era muito ligado a elas.

Na história da Colômbia temos mulheres corajosas e decididas como Manuela Beltrán que, no início do século XVIII liderou uma revolta contra as leis de impostos que sufocavam os camponeses. Outras mulheres deram suas vidas para libertar a América Latina da dominação espanhola, como Antonia Santos, filha de uma família poderosa que foi condenada por ter participado de uma das revoltas e fuzilada.



A emancipação da mulher: um combate permanente

Han Suyin — A libertação da mulher, na China, começou muito tarde em 1919, quando as mulheres decidiram participar da Revolução. Sua ação teve resultados tanto econômicos, como políticos, e logicamente sociais.

Informação Unesco —

Qual a influência que a libertação feminina teve sobre o casamento?

H.S.: Em 1950, a primeira lei sobre o casamento reconhecia o direito das mulheres de se casarem por amor. Até então, os casamentos eram arranjados pelos parentes. Essa mesma lei permitiu que as viúvas tornassem a se casar. Entretanto o autoritarismo masculino era de tal modo, que na verdade só depois de 1956 é que os homens vieram a reconhecer que uma mulher casada, pela segunda vez, não era uma mulher imoral.

Após a mulher chinesa fez um caminho. Ela não é mais um objeto, tendo igualdade econômica e jurídica completa. O sentimento de ser igual ao homem em todos os planos, é a grande conquista da mulher chinesa. Fique bem entendido que isto não ocorreu sem uma luta incessante. Não se muda facilmente a men-



Continuação da página anterior

talidade de um homem. A mulher deve por seu comportamento, assegurar todos os direitos que são possíveis: direito de trabalhar para ganhar sua vida, direito de possuir uma conta bancária, direito de guardar seu nome de solteira. Na China não existe "madame fulano de tal", e, as crianças possuem o direito de escolher entre, o nome de seu pai, e, o de sua mãe.

I.U.: Mas, ainda não subsiste na China, esse país que fez uma revolução, um preconceito entre os homens?

H.S.: Sem dúvida. Tem sido um combate constante. Ao longo da Revolução Cultural, por exemplo, os casamentos arranjados foram restabelecidos em alguns distritos. Nós estamos ainda bem próximos do passado. E não acreditem, mulheres ocidentais, que vocês estão bem longe. Não acreditem ao ponto de pensar que, os homens não podem retomar tudo que vocês já conquistaram. Deixem, e vocês verão o que acontece.

Eu dou a vocês um outro exemplo. Na China, manda-se estudantes às Universidades por decisão coletiva: as moças e os moços são escolhidos por seus companheiros de trabalho. Ora, durante a Revolução Cultural, um distrito apresentou uma lista, onde não havia um só nome feminino, porque, disseram eles, nenhuma mulher no distrito tinha apresentado as qualificações necessárias para seguir um curso superior. O fato, relatado pelos jornais, foi investigado e ficaram sabendo que todas as meninas haviam sido retiradas da escola. Vejam que em 25 anos de Revolução, ainda acontecem dessas coisas e portanto,

as mulheres não podem deixar de lado a luta pelos seus direitos.

I.U.: A chinesa, como as mulheres de outros países, deve fazer uma dupla jornada de trabalho: na fábrica, no escritório, no campo, e, em seguida, em casa?

H.S.: Mesmo que falemos e reivindicemos igualdade, o fardo da mulher será sempre mais pesado que o do homem. Por esta razão é que o Estado deve organizar e colocar a disposição das mulheres os mais variados serviços que a possam ajudar. Maior parte das fábricas chinesas possuem creches, onde a mãe trabalhadora tem o direito de ir a cada três horas, para cuidar de seu filho. E este tempo é contado como tempo de serviço. Todas as chinesas amamentam seus filhos durante um ano e meio e sendo assim, o bebê pode ficar com sua mãe várias vezes por dia.

Depois, em cada rua há uma pequena escola facilitando que a criança jamais fique longe de um ambiente familiar. As crianças chinesas não conhecem o traumatismo, verificado em outras sociedades, de se encontrarem em meios completamente estranhos. Na China sente-se proximidade entre uns e outros e considera-se as "crianças dos outros" como se fossem próprias.

I.U.: Existe emprego de meio período para mulheres?

H.S.: Em cada rua existem pequenas fábricas ou oficinas organizadas pelas "donas de casa". Seu funcionamento depende inteiramente de decisões tomadas de comum acordo pelas pessoas do quarteirão.

Quase tudo podemos fazer nos nossos quarteirões: camisas, conservas, chaleiras e outros ar-

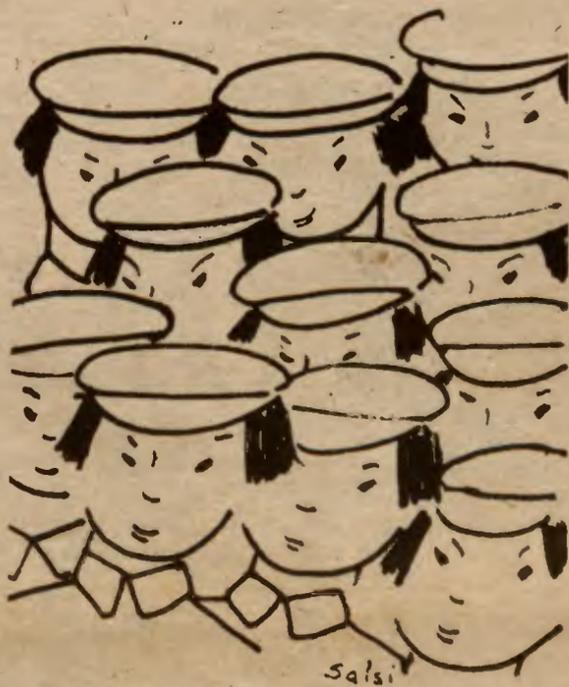
tigos de uso comum. A China faz um grande esforço para chegar a ter uma indústria nacional. Mas para alcançar isso não é preciso que os chineses vivam em estado de penúria.

A QUESTÃO DA MATERNIDADE

H.S.: A mulher geral-

mente não quer colocar no mundo 6,7,8, ou 9 crianças, como uma coelha. Mas para chegar a compreender o que significa parir uma criança e ter com ela cuidados, ao mesmo tempo em que a mãe, também se cuida, e se considera muito importante, para si mesma, e para a sociedade, é necessário educação nesse sentido. Na China é dito para as mulheres: É melhor ter menos filhos para que nasçam com boa saúde. Vocês terão também mais tempo para seus estudos".

Informação Unesco: Poderia falar um pouco sobre o planejamento familiar? Como se passa essa educação a que se referiu?



deverem limitar o número de nascimentos para cinco e existam sete mães disponíveis e com vontade de ter filhos. O que acontece é que duas voluntárias vão dizer: "tenha você primeiro eu posso esperar o ano que vem". Isto é o que nós chamamos do contrato entre o indivíduo e a sociedade.

Informação Unesco: Mas, se uma das mulheres não se põe de acordo?

H.S.: Não se faz nada para contrariá-la. Existe ainda na China mulheres que dão a luz a 6,7 ou 8 crianças. Não adianta obrigar nem contrariar as pessoas. O que nós podemos fazer é tentar que compreendam e, tentar convencer que existe uma outra maneira de comportamento. A decisão deve vir delas mesmas.

I.U.: Como os nascimentos são parte de uma orientação política de toda a nação, em que bases isso acontece? Como é possível essa política de conjunto para decidir sobre os nascimentos?

H.S.: Digamos que numa vila a taxa de nascimento seja de 3,6 por cento, e que é necessário reduzi-la para 2,6. O comitê da comunidade se reúne e pode decidir que não é possível reduzir a taxa, para o nível desejado. O governo tem apenas uma atitude: "experimentem outra vez no ano que vem".

A taxa de crescimento populacional na China é de 1,8 ou 1,9%. Em certas cidades como Shanghai as mulheres são mais educadas nesse sentido e cuidam melhor do crescimento da população porque são mais conscientes e estão mais ligadas aos problemas dos centros industriais. Porém, no campo ainda existem mulheres que desejam ter 4, 5 ou 6 filhos. Todos os

anos o comitê da cidade vai visitar uma moça que eu conheço e pede: "Camarada não é possível fazer um esforço?" A cada vez ela responde a mesma coisa: "sim, é claro". Mas depois de 9 meses... Os vizinhos dizem a respeito dela: "ela já tem 42 anos, então logo deve parar". I.U.: A senhora pensa que a diminuição da taxa de natalidade de um país, é prova de sucesso de sua política em matéria de população?

H.S.: Nem sempre. Um programa de planejamento familiar é bom quando ele é realizado em função das tradições culturais e necessidades econômicas da população. O planejamento familiar não é suficiente por si só para melhorar o nível de vida mas contribui bastante.

I.U.: Não é aceitável o que a senhora acaba de dizer. Em certas regiões do Médio-Oriente, a mulher vive encerrada em casa e não nos parece que qualquer progresso possa acontecer no plano de planejamento familiar quando as mulheres estão agarradas a preservar suas formas de cultura. Parece-me que sua afirmação é uma contradição com o que a senhora diz sobre a libertação da mulher.

H.S.: Não é bem assim. Os hábitos culturais evoluem ou podem evoluir seguindo a linha particular de uma determinada cultura. Por exemplo, os dirigentes muçulmanos não dizem que um planejamento familiar seja contrário a religião islâmica. Não creio que alguém possa chegar a bons termos, quando é feita uma arbitrária oposição às tradições culturais. Entretanto, acredito que devemos nos esforçar para fazer evoluir as mentalidades.

AFIRMAÇÕES

Afirmções de Heleith Safiotti ao Brasil Mulher:

1 — A mulher operária não cogita da questão da libertação feminina. Liberdade pra quê? A questão mais grave para a mulher operária é o excesso de trabalho que é obrigada a executar: no emprego e no lar.

2 — No processo capitalista existe uma expulsão violenta da mão de obra feminina.

3 — Se a mulher proletária trabalha, seu grande desejo é que o marido ganhe suficiente para ela deixar de trabalhar.

4 — Na luta para a emancipação é preciso reconhecer um conjunto de variáveis e achar o elo mais fraco desta cadeia para atacar.

5 — Temos que remeter a luta de emancipação à luta de classes para não cairmos por exemplo, no funcionalismo.

6 — Se não temos uma infra-estrutura que permita a mulher trabalhar fora de casa sem ter que arcar com o peso do trabalho doméstico é porque ao Estado não interessa a emancipação da mulher. Infra-estrutura quer dizer creches, parques infantis, lavanderias, e outros serviços comunitários.

7 — Se não houver uma ressocialização da mulher, (reeducar para que assuma seu papel

social) ela irá contra o movimento de emancipação.

8 — Numa sociedade onde a tecnologia alcançou índices bastante altos de aperfeiçoamento, não é necessário esforços físicos para a execução da maioria dos trabalhos. Portanto, considerando que a mulher tem menos condição para levantar um peso de 100 k não podemos aceitar esse argumento para não considerarmos sua força de trabalho aproveitável.

9 — O ônus da maternidade pode ser socializado e não deve impedir ou ser argumento para minimizar a força de trabalho feminina.

10 — Em última instância, o que regula a força de trabalho da mulher é a demanda da força de trabalho, e na sociedade capitalista não existe carência de mão de obra, portanto, a força de trabalho da mulher não é fundamental.

11 — O capitalismo é intersocietário. Ele ultrapassa limites geopolíticos. O Brasil, chegando a uma posição homogênea de sub-imperialismo, criará empregos para suas mulheres, mas isto querirá dizer que as mulheres, por exemplo, bolivianas e paraguaias, estarão em condições de inferioridade, indiretamente causada pelas mulheres brasileiras.

12 — Não vejo o trabalho como a única via de libertação da mulher. Ele é primordial mas não esqueçamos que existem milhares de

mulheres que trabalham e que vivem com seus maridos na base do jeitinho.

Afirmções de Carmem Barroso da Fundação Carlos Chagas na Tribuna Livre, realizado ao mesmo tempo em que a ONU promovia a Conferência Internacional da Mulher na cidade do México em julho passado:

1 — "Os papéis destinados a cada um dos dois sexos tradicionalmente são tanto prejudiciais aos homens como às mulheres. Os que se preocupam com a liberação humana, isto é, com a maior valorização do homem, devem se preocupar não com a substituição dos atuais papéis sexuais por algum tipo de papel sexual inovador (ainda que mais igualitário) mas sim, pela criação de condições que permitem a cada indivíduo, qualquer que seja seu sexo, criar livremente suas formas próprias de comportamento, inventando padrões inimagináveis antes que ocorram mudanças profundas. O estabelecimento de papéis sexuais mais igualitários pode ser necessário como um passo intermediário, mas o objetivo a longo prazo é a flexibilidade".

2 — "Mesmo as mulheres que conseguiram sobreviver neste domínio masculino e que já tem uma visão crítica da "situação da mulher", ainda tem muito o que fazer para desenvolver uma ideologia cujos valores possam orientar o estabelecimento de novas formas de relações verdadeiramente humanas".

História Brasileira

A Anistia foi concedida, no Brasil inúmeras vezes durante a história republicana. Na opinião do historiador Moniz Bandeira, a Anistia é "gesto sábio de um governo vencedor sobretudo por quem é vencedor hoje pode não sê-lo amanhã".

Aqui publicamos alguns momentos dessa sabedoria que os governos brasileiros ofereceram e que é um direito pois, Anistia é um instituto do Processo Penal. Em muitos desses momentos, o povo brasileiro teve participação direta, como em 1945.

Decreto de 18/9/1822 — beneficiou os que reagiram à mão armada ao desmembramento do Brasil do Reino de Portugal.

Decreto de 7/3/1833 — anistiou os que participaram das lutas armadas da Confederação do Equador e que não tivessem sido pronunciados por crime de rebeldia.

Decreto nº 56, de 6/10/1835 — beneficiou os militares civis e estudantes que promoveram os movimentos de 1831 e 1832 nos Estados de Alagoas e Pernambuco.

Lei nº 40 de 11/10/1836 — anistia amplo e irrestrita àqueles que se sublevaram em 20 de setembro do mesmo ano.

Decreto nº 342, de 14/3/1844 — anistiados todos os cidadãos que em São Paulo e Minas Gerais, sob a chefia de Feijó, Campos Vergueiro e Teófilo Otoni se rebelaram contra o Imperador pela dissolução da Câmara dos Deputados em 1842.

Decreto nº 576 A, de 11/1/1849 — anistia dos sublevados da Revolta Paieira para que, depondo as armas, se submetessem às leis régias.

Decreto de 5/8/1892 — Floriano beneficiaria aos participantes da sublevação das fortalezas da Baía da Guanabara com anistia ampla.

Decretos nº 174, 175 e 176 de 12/9/1893 — anistia aos sublevados que se engajaram no movimento de 2 de março do mesmo ano no Maranhão e Goiás.

Decreto nº 405 de 5/11/1896 — foram anistiados todos aqueles que participaram do movimento armado de 4/9/1896 em Sergipe.

Decreto nº 1373 de 2/9/1905 — beneficiou os participantes do levante Vacina Obrigatória.

Decreto nº 1599, de 27/12/1906 — anistiou aos revoltosos mato-grossenses que depuseram e trucidaram o governador Paes de Barros. (1903-1907).

Decreto nº 2280, de 25/11/1910 — anistia aos participantes da Revolta da Chibata.

Decreto nº 3102, de 13/1/1912 — anistiou os insurretos dos movimentos subversivos ocorridos no Ceará contra a oligarquia dos Aciolly e a demissão do Padre Cícero da Prefeitura de Juazeiro.

Decreto nº 19.395 de 8 de novembro de 1930 — Cinco dias após assumir o

ANISTIA



A LIÇÃO DO PASSADO NO PRESENTE

Governo Revolucionário de 1930, Getúlio Vargas anistiou militares e civis que participaram de movimentos sediciosos anteriores àquela revolução vitoriosa. Cumpria-se, assim, um dos postulados da plataforma da Aliança Liberal apregoada por Getúlio Vargas a 2 de janeiro de 1930, na Esplanada do Castelo: "A convicção da imperiosa necessidade da decretação de anistia está, hoje, mais que nunca, arraigada na consciência nacional. Não é apenas esta ou aquela parcialidade partidária que a solicita. É o país que a reclama.

Trata-se com efeito, de aspiração que saturou todo o ambiente". (A Nova Política do Brasil — Getúlio Vargas, vol 1, pag. 20).

Decreto nº 20.265, de 30 de julho de 1931 — Por este ato foram anistiados os civis e militares que se engajaram no movimento sedicioso da Força Pública de São Paulo no dia 28 de abril 1931.

Decreto nº 23.674, de 21 de janeiro de 1934, fez com que voltassem às fileiras das Forças Armadas, oficiais e subalternos que, direta ou indiretamente estiveram comprometidos com ações

subversivas ao país, apontado o ano de 1932.

Decreto nº 24.297, de 28 de março de 1934, revogava o decreto nº 22.194, de 1932 e as medidas dele decorrentes, tais como cassações de direitos políticos e isentou de ação penal os que participaram da Revolução Paulista de 1932, tornando inexistente as decisões da Justiça de Exceção instituída pelo Governo Provisório.

Artigo 19 das disposições transitórias da Constituição Federal de 1934 — aboliu toda e qualquer restrição contida nos atos anteriores de anistia, estabelecendo que "é concedida a anistia ampla a todos quantos tenham cometido crimes até a presente data".

Decreto-Lei 7.474 de 18 de abril de 1945 — "O presidente da República usando das atribuições que lhe confere o artigo 180, decreta: Art. nº 1 — É concedida anistia a todos quanto tenham cometido crimes políticos desde de 16 de julho de 1934 até a data da publicação do decreto-lei".

Decreto nº 7769 de 23/7/1945 — concedeu anistia aos militares integrantes da Força Expedicionária Brasileira.

Decreto Legislativo nº 70 de 1955 — Anistiou todos os condenados ou processados como decorrência do conflito havido entre elementos da Polícia Federal e da Tribuna Popular, no primeiro semestre de 1948.

Decreto Legislativo nº 22 de 1956 — Concedeu anistia aos militares e civis que se envolveram nos movimentos subversivos do país no período compreendido entre 10/11/1955 até 1/3/1956. Nesse período, sob o comando do Marechal Lott foi garantida a posse do Sr. Jucelino Kubitschek e João Goulart. Este ato estendeu seus benefícios ao que participaram da Revolta de Jacareacanga, 10/2/1956, sob o comando do major aviador Haroldo Veloso.

Decreto Legislativo nº 18 de 1961 — beneficiou a todos que se encontravam envolvidos em fatos verificados até a promulgação do Ato Adicional e que foram considerados crimes políticos definidos por lei que envolveram trabalhadores, funcionários civis e militares, convocados desertores, refratários, insubmissos, estudantes que ativaram ou viveram movimentos grevistas ou jornalistas incursos em crimes contra a Lei de Imprensa. Anistiou também militares comprometidos com o levante de Aragarças, em Novembro de 1959.

Decreto Legislativo nº 15 de 1963 — anistiou todos os incursos em delitos à Lei de Imprensa.

(Dados do Histórico retirados da Carta Aberta do deputado gaúcho Lauro Rodrigues em 9/6/1975 ao presidente Ernesto Geisel e discurso de encaminhamento pedindo anistia para os punidos pela Revolução de 1964 acusados de crimes políticos).

O SACRIFÍCIO DE BRANCA DIAS

Conta Geraldo Joffily em alguns trechos de seu trabalho publicado na Revista de História nº 87, "Branca Dias, Legendária Vítima da Inquisição":

Umá das mais pungentes tradições populares de várzea canavieira na antiga Capitania de Pernambuco nos dá notícia do sacrifício de uma senhora de engenho, chamada Branca Dias, dona de muitas terras e cabedais, de todos respeitada pelo seu poder, que de repente se viu chamada a comparecer perante a inquisição do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, guardando-se de boca em boca memória de que teria sido queimada como feiticeira ou herege, sendo desmonchadas as moendas e caldeirões de sua fábrica de açúcar e derrubadas as paredes do casarão onde habitava, na onsia de achar os dobrões de ouro e pratarias escondidos pela mártir judia.

Este fantasma, bem desenhado por uma tradição popular incontestável, sempre preocupou os melhores historiadores nordestinos, que debalde cataram nos arquivos daqui e de lá alguma referência detalhada."

Para a maioria do povo brasileiro distante do conhecimento dos fatos históricos, Branca Dias não é conhecida como também são

bem poucos, os que conhecem as "batidas" do Santo Ofício, em terras brasileiras. Revelando o episódio de Branca Dias prossegue Geraldo Joffily:

Não é o local do nascimento desta Branca Dias o que mais interessa e sim, e muito particularmente, o reflexo dessa imagem na "trodição popular" — confirmada por Ireneo Joffily e Pereira da Costa —. Tenho-se em vista que durante mais de dois séculos foi o Nordeste Brasileiro atormentado pelos tribunais do Santo Ofício, devendo-se considerar a influência residual, indelével, desses acontecimentos, divulgados, cautelosamente, com narrativas sobre a liturgia macabra destes "autos-de-fé", onde apareciam irmãs encapuçadas cantando "misereres", enquanto os "impenitentes" eram omarrados sobre as fogueiras, vestidos em sambenitos de baeta vermelha.

Mesmo antes de 1600, o terrível dedo da Inquisição já estava apontado para os capitanias açucareiras, onde se abrigavam numerosos marranos também ocupados com o tráfico de escravos. Como anotam as valiosas "Dadas e Notas de Irineo Pinto (p. 131): "em outubro de 1731, é queimada em Lisboa pelo Tribunal do Santo Ofício D. Gulomar Nunes, cristã nova, de trinta e sete anos de

idade, casada com Francisco Pereira, filha de Pernambuco e moradora no engenho São André, desta capitania, por convicta, negatva e pertinosa".

Daí o oportuna indagação de Ireneo Joffily: "Por que entre tantas vítimas partidas daqui e da vizinha capitania de Pernambuco para os cárceres da Inquisição, a memória popular só conserva o nome de Branca Dias?"

Teria influido a inequívoca sonoridade destas palavras: branca dias, como fator psicológico? Pergunto eu: reafirmando a importância de que se tenha sempre em vista não apenas a identificação retrospectiva, mas, também, a própria lenda, em si e por si, como um fenômeno, mostrando o sombra destes acontecimentos no espírito popular daquela época.

Mas qual era a família de Branca Dias? Seguiria ela a religião judaica? Qual o engenho que lhe pertencia? São perguntas que acudirão à mente do leitor e às quais não posso responder cabalmente.

Entretanto a curiosidade e interesse que me desperta o assunto, obriga-me a encará-lo com o fim de convidar a quem quer que o possa esclarecer, a vir a público..."

PARADOXO: DISCRIMINAÇÃO NA COMUNIDADE CIENTÍFICA

Os comentários reunidos nessa matéria são frutos dos estudos de Lucia Tosi, nascida em Buenos Aires, onde estudou até obter o doutorado na Faculdade de Ciências da Universidade Nacional. Hoje: a cientista vive na França onde participa do Grupo Latino Americano de Mulheres de Paris, do qual é membro fundador.

Vários estudos têm surgido, nos últimos anos, com relação ao problema da inserção da mulher na força de trabalho. Nesse estudo denominado "Criatividade científica da mulher" é analisada a sua participação na atividade científica.

Coincidindo com o ressurgimento do movimento feminista nos Estados Unidos da América do Norte, uma série de pesquisas e análises foram mostrando as diferentes formas de discriminação de que as mulheres são objeto, por parte da comunidade científica. Um dos argumentos mais usados, e que pertencem ao senso comum, relegando as mulheres a atividades intelectuais secundárias, é que "lhes falta capacidade criadora, ou lhes falta a 'faísca do gênio'".

Os porques de tais carências são analisados em ampla literatura, que atribui, geralmente, a causas biológicas a presença ou não da capacidade criadora.

Porém, para que se tenha uma análise mais crítica dessas afirmações é necessário ou, fundamental uma verificação de caráter psicológico, social, cultural e econômico.

UMA CERTA MANEIRA DE VER A MULHER

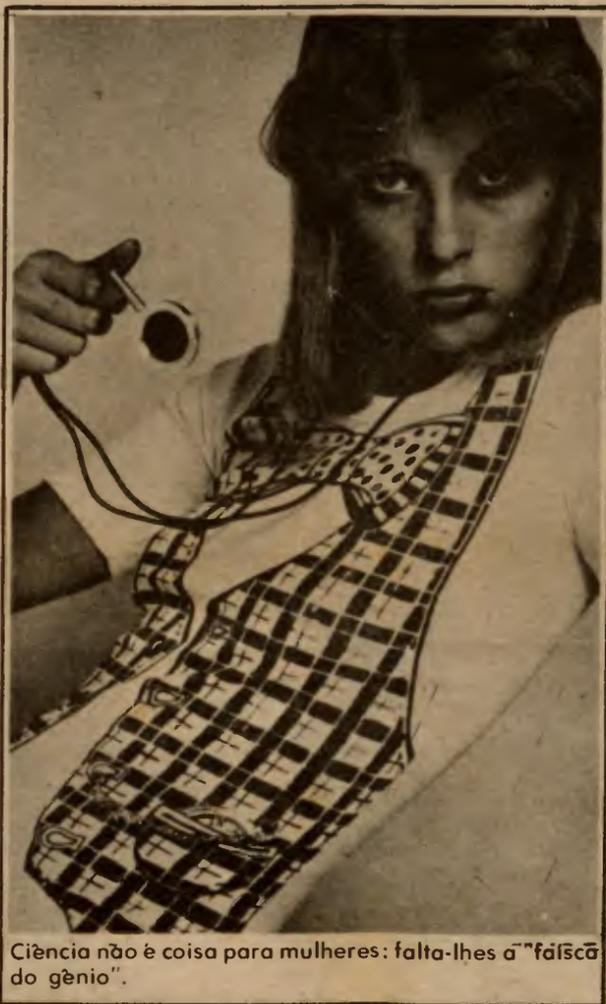
"Vou embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do Rei
Lá, tenho a mulher que quero
Na cama que escolherei".

A maioria das mulheres mora em "Pasárgadas", pelo mundo afora e seu processo de socialização é sem dúvida prejudicado. Mas, para morar em "Pasárgada" é essencial, a decantada feminilidade. E disso se incumbem a família, a escola, e a sociedade como um todo, como agentes do processo de desligamento feminino como força de trabalho e realizadora, tal qual o homem.

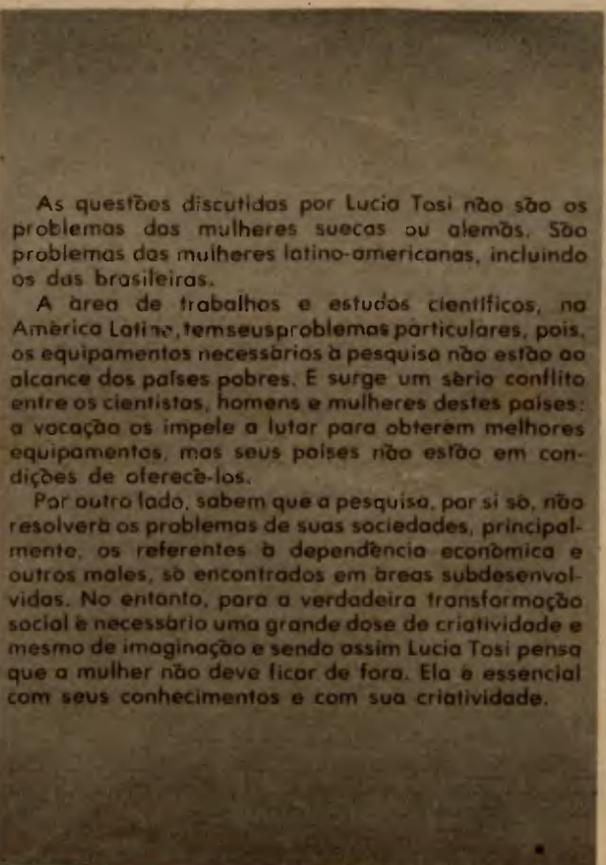
Dois lados, convenientemente forjados através dos séculos, são bem claros: de um lado o nobre ideal masculino representado pela independência, agressividade, competição, inclinação para inovar e criar, além do decantado controle emocional. De outro lado, encontramos o nobre ideal feminino representado pela passividade, falta de agressividade, ausência de espírito competitivo, dedicação, emotividade, intuição (considerado um dos pontos mais fortes da mulher e também considerado importantíssimo na atividade criadora, incluindo a científica) e receptividade. Com tais atributos está "feita" a mulher. E também destituída dos mecanismos de defesa e resistência que a façam encontrar, em si mesma, razões de auto-estima, passando a depender da estima alheia, isto é da "estima do homem". E mesmo que desenvolva qualidades de independência, é comum que, prevendo os resultados desfavoráveis que sua projeção nas atividades intelectuais possa acarretar-lhe, a mulher evite o sucesso. Não se trata de necessidade de fracasso, mas de uma outra necessidade: a de aprovação por parte do outro sexo.

E a deformação da mulher e de seu papel continua:

Se, a mulher deixa de competir no terreno intelectual com intenção de parecer mais atraente ao homem, a sociedade lhe oferece um substituto: "a sublimização de suas aspirações na maternidade e no amor conjugal"; na realização de seu marido e no



Ciência não é coisa para mulheres: falta-lhes a "faísca do gênio".



As questões discutidas por Lucia Tosi não são os problemas das mulheres suecas ou alemãs. São problemas das mulheres latino-americanas, incluindo os das brasileiras.

A área de trabalhos e estudos científicos, na América Latina, tem seus problemas particulares, pois, os equipamentos necessários à pesquisa não estão ao alcance dos países pobres. E surge um sério conflito entre os cientistas, homens e mulheres destes países: a vocação os impele a lutar para obterem melhores equipamentos, mas seus países não estão em condições de oferecê-los.

Por outro lado, sabem que a pesquisa, por si só, não resolverá os problemas de suas sociedades, principalmente, os referentes à dependência econômica e outros males, só encontrados em áreas subdesenvolvidas. No entanto, para a verdadeira transformação social é necessário uma grande dose de criatividade e mesmo de imaginação e sendo assim Lucia Tosi pensa que a mulher não deve ficar de fora. Ela é essencial com seus conhecimentos e com sua criatividade.

sucesso de seus filhos. Com razão Terman observava que "a dedicação exclusiva da mulher aos afazeres domésticos, subtrae às artes e às ciências uma grande parte dos gênios, que de outra forma, se teriam dedicado a elas".

... "uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher feita apenas para amar, para sofrer por seu amor, e pra ser só perdão"...

Eis aí a "musa inspiradora". A imagem romântica da companheira ideal é um mito que constrói a farsa da mulher imóvel na sociedade em que vive e que dela espera ou, necessita, mais do que ser uma sofredora que vive apenas para cultivar o amor do homem.

Todos os fatores já mencionados condicionam o comportamento da mulher e inibem o desenvolvimento harmonioso de sua personalidade, impedindo-a de demonstrar disponibilidade e audácia como exige a atividade criadora. Mas, a despeito de todo um processo que tende a adaptar as mulheres ao modelo feminino criado e a limitar suas ambições, muitas delas persistem em levar a cabo uma carreira científica apesar das grandes dificuldades para penetrar no sistema da comunidade científica, onde uma conduta de iniciação, patrocínio e círculos já se encontra estruturada (pelos homens).

A mulher nessa comunidade científica é recebida com reservas. "Existe o preconceito e a desconfiança quanto à solidez de sua vocação".

Atribuem ao homem exclusivamente o mérito da criação, ocorre até mesmo quando a mulher conta com mais experiência.

Diante de tal quadro, Lucia Tosi faz algumas afirmações:

Enquanto as tarefas consideradas "essencialmente femininas" continuarem sendo depreciadas, as mulheres não conseguirão transpor os obstáculos que as entram em suas carreiras científicas ou qualquer outra atividade criadora.

— Enquanto, a sociedade mantiver uma escala de valores em que as tarefas masculinas por excelência, sejam consideradas superiores, e as tarefas destinadas às mulheres, inferiores todas as atividades em que estas possam notabilizar-se, passará a ser desprestigiada. Veja-se o exemplo da profissão médica na URSS onde é pouco prestigiada, e nos outros países onde esta é super valorizada: o índice de mulheres médicas chega a 75% na URSS.

— A humanidade foi sacudida por transformações profundas, mas a servidão feminina ancestral, persistiu — de forma atenuada — conservando o "estigma original".

Sobre o papel "natural" da mulher, Lucia Tosi analisa:

— "O trabalho doméstico e o cuidado das crianças passaram a ser tidos como uma espécie de "fatalidade biológica", embora suas vinculações sejam apenas de caráter cultural. Com efeito, as duas "missões" específicas que o destino biológico impõe à mulher, como aliás a todos os mamíferos, são a procriação e a lactância. Pode-se argumentar que o ser humano é o único mamífero altamente socializado e que seu processo de formação exige extrema atenção e cuidados na primeira infância. Apesar que os cuidados da casa nada tenham a ver com este delicado processo de formação, esta tarefa (doméstica) é tão vital para a sociedade que deveria ocupar o primeiro lugar ou um dos primeiros lugares na escala de valores da humanidade.

— Só as próprias mulheres podem mudar o processo. A iniciativa deve ser tomada por aqueles que acumulam o trabalho profissional com o trabalho doméstico.

— É necessário que se analise e se estimule a forma de aproveitar o potencial criador feminino que é sistematicamente sufocado.

QUESTÃO SÓ DE PESO E DE MEDIDA



O QUE DÁ PRA RIR DÁ PRA CHORAR... DEPOIS QUE A GEADA PASSOU E MATOU TUDO QUE É PÉ DE PLANTA O TRABALHO ACABOU... O JEITO É MATAR O TEMPO ENQUANTO... EU SOU VAIDOSA E O FRANCISCO É MUITO JEITOSO...

CARTA



"Sou roceira, não sei lê nem escrevê e quem tã escrevendo prá mim é a reporti que veio conversá cumigo. Quero que ela escreva tudo bem direito porque se ela mi enganá Deus castiga ela".

Só quero pedir para as autoridades para não enganar a nós que trabalhamos na roça, plantamos e colhemos café, algodão, arroz, feijão, mais o café e, o algodão que nesse sul tem de perder de vista, e mais coisas que a gente nunca mais vê depois que colhe, porque os caminhões levam tudo pra fão longe que a gente num sabe que é que é feito.

Quero que a reporter diga para as autoridades que depois que eu vim de Minas, no caminhão do Seu Alonso, a minha vida piorou muito. Piorou ainda mais. Hoje, só faço trabalhar, quando tem trabalho. E não tenho mais nem o vestido de ir à missa. Só tenho farrapo e aqui quem tem cabedal, comenta dos outros e são capazes de nem deixar a gente entrar na igreja.

Eu quero que o jornal fale para todo mundo lá de Minas, das Alagoas, de Pernambuco, e de outras terras das gentes desgraçadas que estão aqui que nem

nós, para não cair na conversa que aqui no sul é a terra da bonança, que chove dinheiro do céu e que tem tanta criação que os capados entram pela porta da cozinha.

Quero que o jornal diga para eles que é melhor ser pobre na terra da gente, pobre respeitado que ganha bom dia das pessoas, porque aqui a gente é chamada de vagabundo e anda sem destino com a mala na cabeça, indo de uma fazenda para outra, "caçando" trabalho ou, em cima dos caminhões que levam o pessoal que nem "gado animal".

E depois de tudo, ainda dá um tempo ruim, queima tudo, os fazendeiros mandam todo mundo embora, até família colona que ainda restava...

Maria Feliciano, mineira, 32 anos, de passagem pelo centro da cidade de Londrina, Paraná em agosto de 1975.

Mandaremos o Brasil Mulher ao Presidente Geisel, D. Maria Feliciano. Se ele não tomar providências nós vamos fazer um pouquinho do que a senhora pede: vamos espalhar por aí o seu recado. Dizem que mulher sabe falar, então nós vamos falar muito, usar a boa fama para o que vale a pena ser esclarecido.



BRASIL/CORREIO

Queridas companheiras do Jornal Brasil Mulher. Sou decididamente feminista e venho cumprimentar o trabalho que vocês começam. Saibam que nós vamos passar a perna nos homens. E além do mais eles são covardes e incôpetos e se refugiam-se num tremendo machismo e num egoísmo maior ainda. A nossa classe vai tomar as rédeas do mundo porque o mundo dirigido pelos homens está em absoluta decadência. Quero felicitar toda a equipe do Brasil Mulher e colocar-me à disposição.

Armanda Lufiti —
Guanabara.

Obrigada pelo voto de confiança. Nosso negócio não é assumir o lugar dos homens, nem tampouco fazer concorrência, nem tampouco conquistar, o poder para sermos únicas, invertendo o incômodo jogo que ocorre entre homens e mulheres. Se concorda conosco escreva, Se não concorda, escreva também.

Brasil Mulher: Sou do tempo que tomate era legume, embora ele tenha sido sempre fruto. Mas, não era comum nem conhecido como fruto, e o máximo de frutos que compareciam nas saladas eram a maçã, o abacaxi, banana etc.

Agora, veja só: o tomate virou fruto mas não foi porque alguém inventou e jogou-o na moda. É porque ele está custando 6 cruzeiros o quilo. Mais ou menos como as ameixas e outras...
D. de Casa Abismada -
Paraná

Falou pouco e falou bem D. de Casa Abismada. Que tal deixarmos de comprar tomates e passarmos a cultivá-los em pequenos canteiros domésticos? Não é muito difícil. Para um molhinho modesto dá até pra plantar em canteiros de apartamento. No próximo número daremos uma matéria sobre o assunto que está incomodando muita gente.

Escrevo ao Brasil Mulher porque está muito difícil de conversar com os pessoas sobre certas preocupações que a gente vive. Meu problema é com os meus dois filhos de 17 e de 19 anos. Eles não querem saber de

estudar e não acreditam em Universidade. Dizem que atualmente quem quiser saber das coisas tem que se virar sozinho. Eu não entendo nada. Sou normalista, tenho 42 anos, meu marido é médico e eu sempre soube que para saber, tinha-se que ir à Universidade e também, que o diploma é o único caminho para ser alguma coisa na vida. Vocês conhecem o problema?
Felicia Souza - Minas Gerais.

Pois é D Felicia. Os tempos mudam e a sociedade também. O difícil é aceitar as novas idéias. Pelo que nós sabemos um grande número de idéias vão pouco a pouco dando novos rumos para a humanidade, a partir das verdades que a juventude esfrega nos narizes dos "grandes". Sejamos pacientes, mas conosco, D Felicia. Aconselhamos que leia dois livros miudinhos para entender melhor os seus rapazes. Os dois

são do brasileiro Lauro de Oliveira Lima. O primeiro "Mutações em Educação segundo Mc Luham", e o segundo "O enfant Sauvage de Illich numa Sociedade sem Escolas". Os dois são da Editora Vozes.

Ter um jornal para mandar cartas e fazer denúncias não é nada de novo. Eu quero ver é vocês liderarem uma campanha para que os homens entendam que é preciso dividir o trabalho doméstico com

as mulheres que trabalham fora e contribuem com a metade do orçamento.

Não seria possível orientar os homens para escolas de economia doméstica? Assim acabava com o argumento que não fazem porque não sabem.
Fernanda Exausta, São Paulo.

Fernanda, tome primeiro um banho de água e sal e, enquanto isso, reflita que apenas protestar não dá resultado. Não xingue muito.

Sente com seu marido numa mesa de bar e diga-lhe que os seres humanos possuem direitos, e capacidades físicas limitadas. Tente fazer um tratado baseado no que poderia ser melhor. Se ele não entender, entre em greve. O tipo de greve fica a seu cargo escolher. Campanha não é possível, o que podemos é realizar uma matéria sobre o assunto.

Tenho 18 anos e quero ser atriz. Pode ser de cinema de Tv ou de teatro. Gosto mesmo é de teatro. Danço, canto, represento, mas ainda não tive coragem de mostrar o que eu faço. Não quero ser professora e estou no 3º ano Normal. Estou indecisa porque meu tio, de 60 anos, diz que ser atriz é a mesma coisa que ser prostituta, e os meus pais dizem que não dá dinheiro para viver, que artista morre de fome, e que eu vou acabar na "vida fácil". Tenho tanta vontade que duvido que isto seja verdade.

O Brasil Mulher poderia me dar uma orientação?
Maria Angelica —
Rio Grande do Sul

O que seu tio diz nunca foi verdade e o que seus pais dizem é parcialmente verdade. Mas dinheiro difícil não é argumento suficiente para modificar a vontade que você parece ter. Só para que você fique mais segura, no século XVI, a mais famosa atriz da França chamava-se "Marie Desmares", e adotava no palco o nome de Campmeslê. Foi moça educada por mãe severa e pelo pai cobrador da propriedade da Normandia. Outra corajosa foi a primeira atriz alemã Frederika Carolina Neuber que, antes de ser atriz, foi casada com um pastor de quem ficou viúva. E naqueles tempos os artistas eram "saltibancos"! Até que as coisas entre nós melhoraram um pouquinho, depois que foi suspensa a carteira de identificação policial para as atrizes brasileiras!

Hoje, o que precisa não é coragem, é muito estudo para se impor como artista de valor.

Sua correspondência deve ser enviada para Caixa Postal 1411 — CEP 86100 — Londrina-Paraná, em nome do Jornal Brasil Mulher — Correio.

